

Morte e solidão: acontecimentos em “Vae Soli!”

Death and loneliness: events in “Vae Soli!”

Iasmim Santos Ferreira¹

Resumo: Este trabalho reside na intersecção literatura e filosofia, atrelado ao pensamento de Gilles Deleuze (2007) sobre o *acontecimento*. Esse entrecruzamento discute os *acontecimentos* morte e solidão na vida de uma viúva do século XIX, retratada ficcionalmente por Machado de Assis, na crônica “Vae Soli!” (1892). Buscamos as reverberações desses *acontecimentos* para a personagem, considerando seu silenciamento, sua não nomeação, as condições temporais e o machismo estrutural que conduzem a mulher a fazer um anúncio num jornal em busca de um novo casamento. Não obstante, a morte e a solidão são vistas também sob o prisma de *acontecimentos* comuns à vida humana. Destarte, a discussão repousa sobre o paradoxo desses acontecimentos (morte e solidão), vistos, de um lado, pelo machismo estrutural, de outro lado, pela cotidianidade humana.

Palavras-chave: Literatura; acontecimento; mulher; morte; solidão.

Abstract: This work resides in the intersection of literature and philosophy, connecting them with the Gilles Deleuze (2007) thoughts about the event. This crossover discuss the events, death, and loneliness in the life of a 19th-century widow, fictionally portrayed by Machado de Assis, in the chronic “Vae Soli!” (1892). We are questing the events reverberations for the character, considering her silencing, her non-nomination, the time conditions and the structural machismo that induce the woman to make a journal announcement to find a new marriage. Nevertheless, death and loneliness are also seeing under the prism of common events about human life. Therefore, the discussion is based on these events paradox (death and loneliness), seen, on one hand from the structural machismo and on another hand from the human everyday life.

Keywords: Literature; event; woman; death; loneliness.

Literatura e filosofia: um flerte em (des)compasso

A literatura está em constante diálogo com outras áreas do saber, chamando à roda de conversa a história, a geografia, a sociologia, a antropologia, as ciências biológicas, a filosofia entre outras. Há tempos, alguns

estudiosos têm discutido sobre a relação filosofia e literatura a fim de traçar as aproximações entre elas, sem desprezar as particularidades de cada uma; sobre essa relação repousa o nosso interesse de reflexão.

O artigo científico “Filosofía y literatura en Deleuze y Guattari: creación y acontecimiento”, dos autores Alonso Silva Rojas, Jorge Francisco Maldonado

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. iasmimferreira20@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4980-4416>. Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000



Serrano, Mario Augusto Palencia Silva, auxilia-nos nesse entrecruzamento filosofia e literatura; os autores apreendem de Deleuze e Guattari a concepção de poeta como assassino, pois, esse promove “bombardeios” nos leitores para abrir-lhes novos cosmos.

Atrélado a isso, seguindo as passadas de ambos filósofos, entendemos que o solo da literatura é perpassado pela criação de *perceptos e afetos* ao passo que o da filosofia pela elaboração de conceitos; cada uma nos afeta de um modo: a primeira sensivelmente e a segunda noeticamente. Desta maneira, o artista constrói o seu plano de composição partindo de uma força não pensada, sendo a figura estética a condição para a experiência real de ser afetado por um bloco de sensações, provenientes do *acontecimento*, sendo a obra de arte autônoma, não pertencendo ao artista ou ao público ou à matéria.

O pensamento é ato e ato de pensar novas coisas, novos *acontecimentos*. O conceito nos leva a conhecer um *acontecimento*, consistindo assim em um *acontecimento* que nos leva a outro *acontecimento*, e nisso difere da literatura, pois essa proporciona um *acontecimento*, não desembocando em outro necessariamente. A matéria-prima de ambas é a linguagem, que se torna ambivalente pelas suas possibilidades de liberdade, de resistência, de fuga e de exercício de poder. A linguagem literária se distingue por permitir novos agenciamentos e desterritorialização. Ela rompe com a linguagem, extrapola seus limites ao ponto de o escritor portar-se diante da língua como se fosse um estrangeiro a fazer novas emboscadas linguísticas. A literatura não depende da referencialidade, pode emergir de um mundo novo, desde que seja verossímil, ou da historicidade, mas sempre há de instaurar um mundo vivo como *acontecimento*.

Segundo Deleuze (2007, p. 2), desliza sem jamais se deter, é duas linguagens ou duas dimensões distintas interiores à linguagem e ela mesma fixa os seus limites e possui a arte de ultrapassá-los. Desse modo, é “como se os acontecimentos desfrutassem de uma irrealidade que se comunica ao saber e às pessoas através da linguagem” (DELEUZE, 2007, p. 3). A linguagem é o fio de ligação para que a imaterialidade dos *acontecimentos* chegue às pessoas, se

faça conhecida e notória. A literatura transgrede a linguagem ao tempo que também possui os limites impostos por ela mesma para lhe conferir a literariedade, ou seja, ser o que é, o seu status de obra literária, senão cairia num discurso qualquer, caso não houvesse o trabalho metucioso com a palavra. A arte literária nos permite sentir de outras maneiras e a filosofia nos permite pensar de outros modos, assim esse flerte em (des)compasso possibilita novos modos de ver a vida humana.

Neste artigo, nos propomos a refletir sobre a tessitura literatura e filosofia como um observador que vê uma fiandeira dispor cada fio metuciosamente em formação e ao fim de seu trabalho obtém uma peça artística em fios. Buscamos observar os fios de literariedade em paralelo aos filosóficos, este e aquele emaranhados pelo novelo do *acontecimento*, seguindo as passadas do pensamento de Gilles Deleuze. Nas próximas linhas, esse entrecruzamento residirá numa análise da morte e da solidão como *acontecimentos* na vida de uma viúva, retratada ficcionalmente por Machado de Assis na crônica “Vae Soli!”, publicada em julho de 1892 na imprensa carioca e recuperada posteriormente pela Editora Garnier em *Páginas Recolhidas* (1906).

Acontecimentos em “Vae Soli!”

A voz narrativa da crônica “Vae Soli!” introduz o leitor no universo da ficção por meio de um compartilhamento de uma notícia lida num jornal, que anunciava a viuvez de uma mulher descrita como “uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios” (ASSIS, 1892, p. 1), buscando “encontrar por esposo um homem de meia idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha” (ibidem, p. 1). O narrador passa a discutir o estado de solidão dessa viúva, desencadeado pela morte de seu esposo.

Segundo Gilles Deleuze, em *Lógica do sentido*, “O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (2007, p. 152). Assim, os *acontecimentos*

não são eventos nem datas marcadas em calendário, mas se dão no que acontece, no que se efetua, nos dão sinal e nos aguardam para experienciá-los. Para Deleuze, há cesura no tempo que o obriga a recomeços, a morte é um *acontecimento* cortante no tempo e de força renovadora, abrindo caminhos a recomeços, logo, a historicidade em Deleuze está no devir.

Deleuze se opõe à concepção da significação como entidade plena e à essência das coisas, defendida pela fenomenologia. Ele localiza o *acontecimento* na instância da linguagem dentro de um devir que não se percebe, as coisas estão sempre “devindo”, estão sempre no “porvir”, elas não são, estão em porvir. Assim, o *acontecimento* é sempre inefetuável ao passo que efetua e contra-efetua, é uma dúbia realização que não se realiza. O *acontecimento* está ancorado em duas patentes: condição do pensamento pensar e a experiência dos devires.

As palavras do pesquisador Cicero Bezerra iluminam a interpretação da definição de Gilles Deleuze do que pode ser descrito como *acontecimento*, para ele: “afirmação da instantaneidade impessoal que, enquanto tal, permanece na efetuação e contra-efetuação do movimento de contração entre um *ainda-futuro* e um *já-passado* graças ao caráter de movimento que caracteriza o acontecimento como o que não se dá de modo estanque e redutível” (BEZERRA, 2017, p. 1505).

Sob o prisma do *ainda-futuro* e do *já-passado*, o acontecimento mora no movimento em movimento, na não redução, na mola da fissura temporal. Ainda, “Ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece” (DELEUZE, 2007, p. 152). Destarte, o *acontecimento* se caracteriza como um movimento duplo que efetua e contra-efetua, aponta para um futuro e um passado, sendo-o um estanque do qual não se pode reduzir a um conceito fechado, a um espaço-tempo, cujas reverberações mostram sê-lo *acontecimento*.

Todo *acontecimento* é plural e nunca unitário, assim, a morte do marido reverbera em parcelas de morte para a viúva que passa a viver em busca de aplacar a solidão, outro *acontecimento*, por meio da companhia de alguém. Para o filósofo Deleuze, a morte é

De um lado, a parte do acontecimento que se realiza e se cumpre; do outro lado, “a parte do acontecimento que seu cumprimento não pode realizar”. Há pois duas concretizações, que são como a efetuação e a contra-efetuação. É por aí que a morte e seu ferimento não são um acontecimento entre outros. Cada acontecimento é como a morte, duplo e impessoal em seu duplo (DELEUZE, 2007, p. 154).

A morte é o maior de todos os *acontecimentos*, é uma cartada “final” para quem parte e uma efervescência para quem vive a partida de alguém, tendo que conviver com as acontecências do *acontecimento*. Ela é uma efetuação e uma contra-efetuação, irradiando uma série de acontecências na vida daqueles que experimentam o fim da vida de outrem. E como tal, a morte existe antes de nós, nos espera, nos aspira e nos efetua, já que “os acontecimentos existem antes de nós, em nós se efetuam, nos aspiram” (DELEUZE, 2007, p. 151).

Não obstante, não há como adentrar o cerco da morte e da solidão na vida de uma viúva na segunda metade do século XIX, contexto ainda romântico, e não refletirmos sobre a mulher e a condição do casamento nesse momento histórico, suscitadas pelo próprio texto literário. O fecundo romantismo, contraposto às ideias iluministas e racionalistas, buscava as emoções dentro de uma moldura do inatingível e do ideal, assim, criam-se os ideais de nação, de guerreiro, de amor, de mulher, do casamento. Esse campo de idealizações não permite a realidade tal qual ela é, isso a corrente posterior - o realismo - indaga e responde dentro de suas limitações também.

No caso de “Vae Soli!”, é uma voz narrativa masculina que responde ao anúncio da mulher na revista, sem apresentar respostas dessa mulher. Pela crônica, conhecemos apenas uma parte dessa história, contada por uma voz externa aos *acontecimentos* na vida da viúva, a qual não tem seu nome revelado. O narrador homem se coloca na posição de trazer um conselho à viúva. Não sabemos se ele já experimentou os *acontecimentos* da morte e da solidão, mas sabemos que não se trata de uma mulher escrevendo a outra.

Contudo, a viuvez é um espaço de algum tipo de liberdade para a mulher no século XIX, já que ter o marido implica nas responsabilidades acopladas ao que a sociedade ocidental europeia conjugou ser o casamento: uma única união entre homem e mulher, outorgada pela autoridade religiosa cristã. De acordo com os princípios cristãos exibidos na Bíblia, sobretudo, pelas cartas dos apóstolos Paulo e Pedro, falando aos casais, há mais responsabilidades atribuídas à mulher.

O ideal do casamento como uma única união quebrada somente pelo *acontecimento* morte encontra dissonâncias dentro da própria Bíblia quando o profeta Moisés no Antigo Testamento permitiu divórcios², justificados posteriormente por Jesus no Novo Testamento por causa da dureza do coração humano³, o que desemboca em diferenças teológicas, nas quais não adentraremos, ressaltamos apenas que a igreja mantém a visão do casamento estendido até a separação ocasionada pelo *acontecimento* morte.

Outra exigência trazida pela Bíblia é a incumbência das tarefas domésticas atribuídas à mulher, segundo as orientações de São Paulo⁴, para serem “boas donas de casa”. Ainda, de acordo com ele, as mulheres deveriam ensinar umas às outras, as mais velhas às mais novas. Pedro, simulando dividir pesos, pende muito mais para um lado da balança: homens devem amar suas esposas como Cristo amou a igreja e mulheres devem ser submissas⁵. Sua voz ainda ecoa no século XXI, no qual há entidades religiosas cristãs - católica e protestante - maquiando os discursos para manter fieis dentro das igrejas e afirmando que mulheres devem ser submissas aos seus maridos, o que não condiz com a contrapartida do amor incondicional “imposto” aos homens à semelhança de Cristo, já que a taxa de feminicídio do Brasil é a quinta maior do mundo⁶.

Ao embrenharmos numa retomada do século XIX, dentro do contexto brasileiro, certamente perceberemos que a estrutura patriarcal cristã era mais fortale-

cida do que é atualmente, já que os estudos e as lutas feministas vêm ganhando cada vez mais voz e espaço. A viúva da crônica vive os *acontecimentos* da morte e da solidão dentro de uma bolha machista, a qual obriga a mulher a estar acompanhada. Lembremos do clássico romance brasileiro de José de Alencar, *Senhora* (1875), que retrata uma dama conquistadora de sua liberdade graças à viuvez, no entanto, busca um novo casamento e compra o homem que desejava ter por marido. O autor ataca a relação capital e casamento, acertada por muitos anos, por os pais verem a mulher como um peso financeiro para a família, obrigando-a a se casar. O cerco da viuvez é tanto para a senhora do Alencar quanto para a viúva de Machado um espaço de mais abertura do que o estado de solteira ou de casada, já que estando solteira há a busca pelo marido e a superproteção dos pais a fim de não perder a virgindade da moça e estando casada tem obrigações para com o marido, isto é, a mulher no século XIX, no Brasil, sobrevivia sufocada pelas condições temporais e pelo machismo estrutural.

Vale ressaltar que ambas viúvas são retratadas por homens, no caso da primeira, a personagem tem espaço de fala, o que não acontece com a segunda, talvez por ser a crônica um gênero discursivo mais curto. O cronista faz uma distinção entre as mulheres, apontando para uma hierarquia entre elas, ao dizer: “tu vales alguma coisa mais que o comum das mulheres” (ASSIS, 1892, p. 1). O valor dessa viúva reside no *acontecimento* da morte do marido, tornando-a independente financeiramente e alçando “certa liberdade”, a qual preferimos chamar de pequena abertura numa sociedade patriarcal. A protagonista viúva de *Senhora* também consegue espaço e valor social por meio do *acontecimento* morte do seu primeiro marido.

Machado de Assis, sabedor da realidade a qual estava inserido, traz para o seu discurso a voz bíblica à vista de apontar a solidão como um estado de não graça. “Ai de quem está só! dizem as sagradas letras”

² Conforme o livro de Deuteronômio, capítulo 24, versículos de 1 a 4.

³ Registrado no Evangelho de Mateus, capítulo 19, versículo 8.

⁴ Segundo a epístola de Paulo a Tito, capítulo 2, versículo 5.

⁵ Primeira carta de Pedro, capítulo 3, do versículo 1 ao 7.

⁶ De acordo com ONUBR, Nações Unidas no Brasil, disponível em: < <https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/> >.

(ASSIS, 1892, p. 1). Com isso, mostra a perspectiva da crença cristã que impõe às mulheres o estado de casamento, sendo visto como uma exceção o não se casar para melhor servir ao Senhor da crença.

Entretanto, o cronista dubiamente diz que não foram as Escrituras que conduziram a viúva àquele anúncio, apesar de citar o que elas dizem sobre a solidão, nem tampouco foi o positivismo ou a metafísica (ibidem, p. 1). Conquanto, a voz narrativa toma a liberdade de escrever para a viúva e diz: “Não queres amar; estás cansada de viver só” (ASSIS, 1892, p. 1). Daí, “Vae Soli!” engendra muitos sentidos sobre a morte e a solidão na vida de uma mulher. Por que a personagem machadiana não consegue conviver com o *acontecimento* da morte do marido e busca um novo marido para sanar o *acontecimento* da solidão? Ela busca um novo marido por imposição social ou há uma necessidade pessoal de companhia?

Não podemos responder por a viúva que não teve nenhum espaço para sua fala, uma vez que sua única manifestação é a do anúncio a procura de um marido, o qual é contado pela voz narrativa. Além disso, estamos diante de uma crônica, um gênero curto, que não mostra outras situações e circunstâncias vividas pela personagem. Logo, buscamos sentidos dentro daquilo que a crônica nos revela: dois *acontecimentos* na vida da viúva: a morte e a solidão.

Ao tempo que consideramos a perspectiva deleuziana de paradoxo como afirmação dos dois sentidos. Tomamos, assim, as duas possibilidades, ainda que pareçam contraditórias: a mulher vive a solidão pela morte do marido por ser condicionada socialmente a estar acompanhada, sem a liberdade buscada pelo movimento feminista; mas também vive ambos *acontecimentos* por não poder domá-los, nem lhes atribuir causa, a solidão é a lacuna do marido que fora sua companhia. Se, conforme Deleuze (2007, p. 1-3), o paradoxo destrói o bom senso único e as identidades fixas, estamos diante de uma viúva que não podemos atribuir uma única identidade e nem chegarmos a uma resposta para a procura de um novo marido. O que constatamos é o seu ressentimento do *acontecimento*, sentimento comum diante do *acontecimento* morte.

Os *acontecimentos* na vida da viúva atingem e se dão em *acontecimento* na vida da voz narrativa também, posto que nas primeiras linhas da crônica, seu autor revela ter lido o anúncio do recado da viúva no jornal num dia comum da cotidianidade “um tumulto sem vida”, “um silêncio sem quietação”, farto dele mesmo e dos outros (ASSIS, 1892, p. 1); o anúncio o toma para si e o faz enxergar os *acontecimentos* na vida daquela mulher, ao ponto de respondê-la.

O cronista faz uma comparação da viúva com Sêneca, um intelectual do Império Romano, que buscava ao contrário dela “a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego” (ASSIS, 1892, p. 2). O *acontecimento* ansiado por ele é justamente o oposto do que queria a viúva afortunada com sua presença. Machado ainda lhe dá conselhos para não entrar noutra casamento, pedindo que avalie a possibilidade da vida ansiada por Sêneca, porém, sabe que a decisão é dela e encerra com as seguintes palavras: “Em caso de tédio, antes um marido que nada” (ibidem, p. 2). Um marido para aplacar o *acontecimento* solidão, mas será mesmo que é possível aplacá-lo com a substituição de um alguém? Se a solidão é um *acontecimento*, enquanto tal é implacável e irreduzível.

Não obstante, o estado da solidão é uma condição da própria existência no mundo, o separar-se nas/das relações para uma angústia do existir. Sem respostas fenomenológicas, de essência e de ser, compreendemos a solidão como um dos sentimentos comuns à vida humana. Em demasia se torna danoso pela necessidade de outras sensibilidades. Crer no casamento como um elemento sanador da solidão é amputar um pedaço das sensibilidades possíveis a humanidade. A companhia de outrem em qualquer relação afetuosa é aprazível, e como a solidão, uma parcela da existência. Essa amputação só é posta à mulher, graças ao machismo estrutural, que introjeta no imaginário coletivo à filiação casamento-felicidade para as mulheres. O anúncio da viúva responde a essa condição de viver sozinha como negativo e ao entendimento de solidão como ausência de companheiro, e não um sentimento humano possível.

Na apresentação da obra *Mulheres de Machado* (2017), uma reunião de contos que exibem persona-

gens femininas, o pesquisador Hélio Seixas Guimarães pontua algumas questões importantes para a observação das personagens femininas construídas pelo senhor Assis. Como se pode ver:

Se na juventude parecem virginais, inocentes, puras, ao adentrarem a fase adulta se depa-ram com questões como imposição do ma-trimônio, felicidade conjugal, ciúme, traição e a efemeridade da beleza, tornando-se cada vez mais complexas. Já maduras as mulheres machadianas vivenciam a nostalgia da vida, a possibilidade de um amor derradeiro e a mor-te. Esses temas, no entanto, se entrecruzam, podendo a morte nascer em uma menina ou a pureza em uma senhora adúltera. É justa-mente dessa sobreposição que surge a esfe-ricidade das personagens aqui selecionadas e, conseqüentemente, onde se vê a maestria do escritor (GUIMARÃES, 2017, p. 5).

As mulheres machadianas enfrentam dilemas que vão de uma fase da vida a outra, que vão sendo sobrepostos dentro da prosa, formando a dita “esfe-ricidade” de suas personagens femininas, conforme afirmado acima. A lente crítica e observadora de Assis não perde de vista a imposição do matrimônio que é tão fecundo no século XIX. Nosso autor, afastado de nosso tempo por mais de um século, sem presenciar os avanços do protagonismo feminino e da luta contra o machismo, imerso num contexto cultural do domínio masculino, constrói suas complexas personagens.

Guimarães crê numa sensibilidade machadiana e afirma: “Machado de Assis sensivelmente soube dar voz às mulheres, ainda que essa saísse de um olhar, de um gesto, de uns braços.” (2017, p. 5). Essa chamada sensibilidade surge da negação da fala feminina; lembremos do clássico dilema da traição da Capitu, no qual Machado coloca o leitor diante de uma mente ciumenta, e não necessariamente de uma traição. A Capitu que quase não fala e que ao falar tem sua fala reproduzida por um narrador mal-intencionado. Não pretendemos colocar sobre os ombros do autor uma cobrança em dar voz efetiva a essas mulheres, já que

se trata de um contexto histórico-cultural ainda mais difícil para as mulheres no Brasil do que na atualidade, ou uma coroação pela sua observação sagaz trans-posta em seus escritos, mas, dentro dessa postura crítica machadiana e do silenciamento parcial ou total de suas personagens podemos visualizar a condição da mulher no contexto ainda romântico e perceber a morte do companheiro como um espaço de maior abertura para as mulheres, que já não são solteiras nem casadas, adquirindo, assim, poder aquisitivo e um status intermediário. Porém, essa intermediação é pressionada a não ser permanente e um novo ca-samento está sempre a bordo.

O matrimônio em Machado é sempre visto na berlinda: sentimento e instituição, sentimento e ca-pital, seja nos romances, nos contos ou nas crônicas. Segundo pontua Guimarães, suas personagens são leitoras de romance e de grandes histórias de amor (2017, p. 10). No entanto, ele não é um genuíno romântico, mas um escritor que atravessa o romantismo e o realismo, sem caber dentro dos limítrofes de ambos. Assim, a berlinda do sentimento é realocada pela desilusão de suas personagens. A viúva da crônica, a qual nos debruçamos, não é uma jovem moça a enveredar num casamento, mas uma mulher adulta na berlinda da solidão *versus* a quase liberdade. Esta última parece vencer a primeira já que a personagem escreve um anúncio para o jornal em busca de um novo marido. Todavia, não temos ciência se vencera de fato, porque a crônica encerra com a palavra final da voz narrativa que escreve a ela.

A análise da morte e da solidão como *acontecimentos* na vida de uma viúva machadiana caminha por diferentes trilhos, primeiramente pela inter-relação filosofia e literatura. Depois, abre caminhos para vi-sualizar a condição da mulher no contexto romântico brasileiro, que aponta para a morte do marido com dois sintomas contrários e harmônicos em “Vae Soli”: a abertura social ou quase liberdade para a viúva e a solidão. Ademais, dentre os muitos escritos de Machado de Assis, a escolha de uma crônica contribui para a relativização de como classicamente é vista: “um gênero menor”, como afirmou Antonio Candido (1992, p. 13). No entanto, foi o que Machado mais se

debruçou, escrevendo na imprensa carioca por mais de quarenta anos. Por isso, a estudiosa Sonia Brayner considera-a o seu “verdadeiro laboratório ficcional” (1982, p. 426).

Considerações finais

Sob a lente literatura e filosofia, um casamento em constante divórcio e reconciliação, buscamos encontrar sentidos nos *acontecimentos* morte e solidão na vida de uma mulher viúva do século XIX, retratada por Machado de Assis na crônica “Vae Soli!”. Nesse círculo posto, a condição mulher na sociedade é importante para entendermos como esses *acontecimentos* reverberam distintamente na vida da personagem. O estado de mulher viúva a faz buscar um novo marido por meio de um anúncio num jornal, uma representação do entendimento de casamento, em seu momento histórico, acoplado ao interesse financeiro. Ainda que, ser viúva fosse uma condição mais “livre” do que ser solteira ou casada, já que o *acontecimento* morte do marido lhe dava autonomia financeira. A solidão é discutida dentro do paradoxo deleuziano: uma imposição feita pela sociedade à mulher, obrigando-a a se casar novamente e um sentimento comum à vida humana, violado pela primeira condição que o ignora como uma parte da vida para aferir uma nova união. Estar solteira ou acompanhada, embora não implique em ausência do *acontecimento* solidão, deve ser sempre uma escolha do ser humano que vive as acontecimentos da vida, e não uma imposição ao gênero.

Referências

ASSIS, Machado de. **Vae Soli** (1892). Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica?start=12>. Acesso em: 17 dez. 2018.

ASSIS, Machado de. **Mulheres de Machado**. Apresentação Hélio de Seixas Guimarães. Ilustrações Catarina Bessel. São Paulo: SESI-SP, 2017. <https://doi.org/10.1590/1983-6821201912279>

BEZERRA, Cicero Cunha. Clarice Lispector: acontecimento, Deus e literatura. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 48, p. 1504-1524, out./dez. 2017. ISSN 2175-5841. <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2017v-15n48p1504>

BRAYNER, Sonia. Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. In: BOSI, Alfredo (org.) *et al.* **Machado de Assis**: antologia & estudos. São Paulo: Ática, 1982. p. 426-436.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

DEUTERONÔMIO. In: **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Taxa de feminicídio**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>. Acesso em: 17 dez. 2018.

PEDRO (1). In: **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

ROJAS, Alonso Silva; SERRANO, Jorge Francisco Maldonado; SILVA, Mario Augusto Palencia. Filosofía y literatura en Deleuze y Guattari: creación y acontecimiento. **Praxis Filosófica Nueva série**, Colômbia, n. 45, p. 171, jul.-dic. 2017. DOI:10.25100/pfilosofica.voi45.6059 I. <https://doi.org/10.25100/pfilosofica.voi45.6059>

TITO. In: **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

Data de recebimento: 30/01/2019

Data de aceite: 01/05/2019